

Tales Faria

De olho nos ataques bolsonaristas, Gilmar aproxima-se de Fachin

Os ministros Gilmar Mendes e Edson Fachin já não estão mais às turras como logo após o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) iniciar a preparação de um código de ética para a Corte. A recomposição de forças começou no dia 16, quando o decano Gilmar prestou uma homenagem a Fachin pelos seus 11 anos na Casa.

Ele listou processos conduzidos pelo colega e presidente do colegiado ao longo da sua trajetória no Supremo – como a ADPF das Favelas. Disse que os casos revelam um mesmo fio condutor: a “leitura da Constituição como projeto ainda inacabado de inclusão”.

“Concorde-se ou não com cada conclusão, é impossível negar a estatura dos fundamentos e a constância do método” argumentou, sem deixar de admitir divergências entre os dois: “Em muitas questões, apresentamos visões distintas sobre as matérias em julgamento, e assim decerto seguiremos, porque é exatamente disso que se nutre um colegiado saudável.”

O presidente do STF (retribuiu com um elogio a Gilmar dois dias depois, em discurso de homenagem aos 24 anos do decano na Corte. Elogiou a “permanente disposição para o debate das ideias” do magistrado.” Passadas mais de duas décadas, é possível afirmar que sua excelência não apenas se integrou ao Supremo Tribunal Federal. Tornou-se uma de suas referências institucionais mais permanentes e reconhecidas”, disse.

O aceno de Gilmar tem como motivação se dedicar a uma batalha mais urgente e importante para alguns ministros do STF: a ameaça de bolso-

naristas de priorizar impeachments de integrantes da Corte a partir do ano que vem.

O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) instruiu seus seguidores a elegerem o máximo de senadores agora em outubro para tentar montar uma maioria na Casa capaz de cassar o mandato de ministros do Supremo. Pela Constituição, o impeachment dos integrantes do STF é decidido pelo Senado.

O centro do alvo dos bolsonaristas são os principais aliados de Gilmar Mendes: os ministros Alexandre de Moraes, Flávio Dino e Dias Toffoli. O ex-presidente acredita que o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Nunes Marques, será uma peça valiosa para seu filho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), na disputa contra Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pelo Palácio do Planalto.

Gilmar, Alexandre de Moraes, Dino e Toffoli sabem desses planos e, por esse motivo, também trabalham pela recomposição de forças no STF.

Mas os quatro ministros não se mexem apenas nesse campo. Também já começam a se preocupar em formar uma bancada no Senado com o objetivo de os defender dos ataques bolsonaristas.

O exemplo mais explícito dessa disputa silenciosa no Senado é o presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União-AP). Sabedor do interesse de Gilmar & Cia, ele se apresentou como uma força auxiliar do Supremo. Até porque Alcolumbre sabe que também pode precisar dos ministros como blindagem contra investigações em andamento,

Uma dessas investigações, a do Banco Master, caiu no colo de André Mendonça, principal nomeação do bolsonarismo para o STF.

Fernando Molica

O jogo duro de Graciliano Ramos

Terminar de ler “Angústia”, de Graciliano Ramos, no meio da Copa é mais ou menos como autoaplicar-se a rasteira que ele, em 1921, de maneira irônica, sugeriu ser adotada como esporte nacional no lugar do então iniciante futebol — este não passaria de um “entusiasmo de fogo de palha”.

O jogo de Graciliano é pesado, disputado no campo enlameado e esburacado do adversário, e apitado por um juiz que sequer finge ter algum tipo de imparcialidade. Não há otimismo e pachequismo capazes de resistir à narração da tragédia particular de Luís da Silva, personagem-narrador que renova impasses de Paulo Honório, de “S. Bernardo”, e antecipa a opressão que Fabiano, de “Vidas secas”, identificava no soldado amarelo. No limite, incorpora o próprio Graciliano que, em “Memórias do cárcere”, narra o absurdo de sua prisão.

Em “Angústia”, lançado em 1936, quando o autor estava preso, não há espaço aparente para qualquer tipo de esperança fácil, de virada milagrosa de jogo. É como se Luís mirasse aquele que identifica como antagonista — o rico e sedutor Julião Tavares — da mesma forma que integrantes da seleção brasileira olhassem, no intervalo do jogo de 2014 contra a Alemanha, para os adversários que lhes haviam aplicado um humilhante e irrecorrível cinco a zero. Pior, um segundo tempo ainda seria jogado, o que aumentaria ainda mais a dor coletiva.

Mas, como em outros livros do alagoano de Quebrangulo, o que importa é menos a tragédia anunciada do destino e, sim, o processo que leva personagens ensandecidos ao seu encontro. As descrevê-los, Graciliano ressalta seus limites, suas incapacidades. Expõe uma luta que remete ao próprio desafio de so-

breviver em um mundo quase sempre hostil.

Os outros — sempre eles — são mais endinheirados, inteligentes, elegantes, poderosos e fortes, oprimem só pelo fato de existirem. Um domínio que, tão intenso, é capaz de gerar uma forma ainda mais grave de violência, como a de Paulo Honório em relação à mulher, Madalena. Ela seria encarada como ameaça por representar uma alternativa à brutalidade.

Não há espaço para amor e lirismo no mundo delirante de Luís da Silva, que trata de reforçar as dificuldades que a vida lhe impõe, é como se houvesse soldados amarelos por todos os lados: vê-se pressionado por sua casa (“inconveniente, cheia de barulhos, parece mal-assombrada”), pela mulher por quem se apaixona, pelo trabalho, pelos amigos. Ele não tem dinheiro, não tem jeito, não tem paciência; na rua, anda com a cabeça baixa, até para não encarar seus credores. Não suporta nem mesmo o que escreve: “Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não prestam”.

Ao apontar para derrotas implacáveis que se avizinham, o autor injeta humanidade nos Silva cujas estrelas não brilham, que ouvem que governo é governo, que se veem incapazes de adquirir um enxoval básico para o casamento, que são espancados, que se sentem incapazes de compreender o que não se manifesta pela violência.

Ao descrever a crueza, Graciliano abre um improvável espaço para a esperança, para a educação pela pedra; exalta a flor capaz de furar o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio e o direito de, como a cadela Baleia, sonhar com um céu de preás, gordos e enormes.

Peso do Clima: El Niño, Inverno e Prevenção

O início oficial do inverno no Hemisfério Sul, às 5h24 deste domingo (21), não traz apenas a transição para dias frios, mas inaugura um período de extrema atenção estrutural para o Brasil. A estação, caracterizada pela persistência de massas de ar seco e pela queda na umidade relativa do ar, começa sob a sombra da consolidação do El Niño. A confirmação do fenômeno pela agência norte-americana NOAA eleva o debate a um novo patamar de gravidade: com 63% de probabilidade de atingir intensidade “muito forte” até o início de 2027, o aquecimento das águas do Pacífico pode quebrar recordes históricos vigentes desde 1950.

Nesse cenário de descompasso climático, o perigo dos incêndios florestais e urbanos despenha como uma das ameaças mais imediatas. A combinação entre a estiagem natural do trimestre e o superaquecimento global potencializa o risco de queimadas de forma alarmante. Se no Norte e Nordeste a redução drástica das chuvas ameaça castigar a Amazônia e o semiárido com incêndios devastadores, o Sudeste não está imune. A previsão de forte elevação térmica e atraso nas precipitações transforma áreas de preservação em focos vulneráveis. A vegetação seca, submetida a massas de ar seco persistentes,

torna-se combustível altamente inflamável, exigindo fiscalização rigorosa contra queimadas agrícolas e conscientização pública para evitar desastres.

O El Niño é um processo natural da Terra. Contudo, o impacto potencialmente catastrófico que enfrentamos não decorre apenas da mecânica do fenômeno, mas da severa vulnerabilidade das nossas cidades. O avanço da urbanização sem planejamento, o desmatamento e a degradação de matas ciliares desarmaram as defesas ambientais dos municípios.

O aquecimento global atua em simbiose com o El Niño, injetando energia na atmosfera e multiplicando os extremos. Quando a umidade finalmente retornar, a previsão é de tempestades severas e pancadas intensas, capazes de castigar solos fragilizados pela seca e pelo fogo.

Diante do factual estabelecido, a complacência dos gestores públicos é um erro grave. Estados e municípios precisam agir imediatamente na revisão de planos de contingência, monitoramento de áreas de risco e, sobretudo, no fortalecimento de brigadas de combate a incêndios e limpeza de drenagens. A preparação comunitária, o planejamento técnico e a infraestrutura verde são as únicas barreiras capazes de resguardar vidas diante de um clima cada vez mais instável.

Opinião do leitor

Mudanças climáticas

O fenômeno El Niño é um dos eventos climáticos mais importantes do planeta. Ele altera os padrões de chuva e temperatura em diversas regiões do mundo, incluindo o Brasil. Diante desses desafios, é fundamental investir em planejamento e monitoramento climático para minimizar prejuízos.

Lucas Sá
Paraná-SC

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.